5º CONIGIS – Congresso Internacional de Gestão e Inovação em Saúde

APLICAÇÃO DE PRINCÍPIOS DE DESIGN DA INFORMAÇÃO EM DOCUMENTOS MÉDICOS PARA A MELHORIA DA COMUNICAÇÃO COM PACIENTES

Eixo 7: Humanização, Comunicação e Experiência do Paciente

Estudo científico

PAULO THIAGO GOMES **DA SILVA**[1]*, TAINÁ MARIA DE SOUZA **VIDAL**[2], ANTHONY JOSÉ DA CUNHA CARNEIRO **LINS**[3]

1. Acadêmico do curso de Medicina da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) **(relator)**; **2.** Professora Doutora do curso de Educação Física da Universidade de Pernambuco, 3. Professor Doutor do curso de Medicina da Universidade Católica de Pernambuco[3].

* pthiago@gmail.com

Recebido em 06/09/2026. **Aceito** para publicação em 18/09/2026

RESUMO

Introdução: A comunicação entre profissionais de saúde e pacientes é mediada por documentos escritos como receitas, encaminhamentos e orientações pós-consulta; redigidos com termos técnicos, siglas e sem hierarquia visual, o que compromete a compreensão e a adesão terapêutica. O problema articula-se ao letramento em saúde, capacidade de compreender e aplicar informações em saúde para decidir[1], cujos níveis inadequados associam-se a piores desfechos e a maiores custos assistenciais[2]. No Brasil, 29% da população de 15 a 64 anos apresenta alfabetismo insuficiente[3]. O envelhecimento agrava o cenário: idosos em polifarmácia concentram vulnerabilidade comunicacional e risco de erro medicamentoso. Objetivou-se, então, mapear evidências sobre design da informação aplicado a documentos médicos e derivar diretrizes para o seu redesenho. **Procedimentos Metodológicos:** Trata-se de uma revisão integrativa conduzida e reportada com base nas recomendações do PRISMA, na base PubMed, com a estratégia ("*health communication*"[MeSH] OR "*health literacy*"[MeSH]) AND ("*information design*" OR "*plain language*" OR "*document design*"). A busca retornou 266 registros, reduzidos a 155 pelo filtro temporal (2020-2025) e a 126 pelo de acesso aberto. A triagem, em duas fases, resultou em corpus de 52 artigos organizados por análise temática. **Resultados:** Os artigos distribuíram-se em cinco eixos: Linguagem Simples e Legibilidade (44,2%), Comunicação Médico-Paciente (19,2%), Design da Informação em Saúde (19,2%), Populações Vulneráveis (13,5%) e Tecnologia e Inteligência Artificial (3,9%). Os materiais destinados a pacientes exigem idade de leitura entre 13 e 16,5 anos pelo índice SMOG, acima do recomendado de 11 a 12 anos, e menos de 40% atendem a critérios mínimos de acionabilidade. Ademais, 80% dos profissionais afirmam empregar o *Teach-Back*, mas apenas 46% dos pacientes recordam ter sido solicitados a repetir as orientações. **Conclusões:** A inadequação comunicacional dos documentos médicos é estrutural e atinge de modo desproporcional a população idosa. As intervenções eficazes articulam simplificação linguística, design visual e validação com o público-alvo, não bastando nenhuma dessas dimensões isoladamente. O redesenho documental configura estratégia de equidade e de sustentação da autonomia do paciente longevo, fundamentando as etapas seguintes do projeto.

PALAVRAS-CHAVE: letramento em saúde; comunicação em saúde; design da informação; linguagem simples; longevidade.

REFERÊNCIAS

[1] Sørensen K, Van den Broucke S, Fullam J, Doyle G, Pelikan J, Slonska Z, et al. Health literacy and public health: a systematic review and integration of definitions and models. BMC Public Health. 2012; 12:80.

[2] Palumbo R. Examining the impacts of health literacy on healthcare costs. Int J Health Care Qual Assur. 2017; 30(7):646-58.

[3] Instituto Paulo Montenegro, Ação Educativa. Indicador de Alfabetismo Funcional – INAF Brasil 2018-2019. São Paulo: Instituto Paulo Montenegro. 2019.